

Amazonia Insomnia, Hugo Fortes, 2018. Videoinstalação. Labverde
Immersion Program. Foto: Bruno Zanardo.





Hugo Fortes, artista e professor. Imagem: reprodução.

ENTREVISTA

HUGO FORTES: “CREIO QUE A FLORESTA SE APRESENTOU PARA MIM COMO UMA IMENSA INSTALAÇÃO JÁ PRONTA...”

O artista e professor Hugo Fortes fala sobre a arte em sua natureza. Ou a natureza em sua arte, caracterizada pela diversidade de linguagens, que vão da instalação ao vídeo, passando pela fotografia, performance, objetos e, mais recentemente, a pintura.

**SYLVIA WERNECK
ABCA/SÃO PAULO**

Hugo Fortes é artista, professor universitário, curador, padeiro de mão cheia e ótimo anfitrião. Apesar de nos encontrarmos com certa frequência em aberturas de exposições e trocarmos impressões sobre os eventos de arte e as instabilidades de existir no Brasil, foi apenas em agosto último que finalmente conversamos com mais vagar.

Foi numa tarde gelada que cheguei à casa cheirosa, colorida e aconchegante que Hugo divide com sua companheira, a também artista Sissi Fonseca. No ateliê ao fundo, ele me mostrou desde trabalhos do começo de sua carreira até os mais recentes. Falamos muito sobre arte, sobre comida, sobre cachorros e sobre docência, numa conversa tão agradável que, quando dei por mim, já era quase noite e decidi ir embora antes que atrapalhasse a rotina da casa.

Quando apareceu a oportunidade de entrevistar Hugo para a revista *Arte&Crítica*, optei por manter uma dinâmica de bate-papo semelhante à daquele dia. Assim, a única pergunta

elaborada de antemão foi a primeira. As seguintes foram desenvolvidas a partir de cada resposta que recebi. E foram respostas tão ricas que não me pareceu fazer sentido usar esta introdução para apresentar o artista. Melhor é saber de Hugo Fortes em suas próprias palavras.

“O RECOLHIMENTO PROPORCIONADO PELA PANDEMIA ME POSSIBILITOU MERGULHAR NO ATELIÊ E TRABALHAR A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL VIVIDA NA FLORESTA, QUE EMBORA TIVESSE OCORRIDO ALGUNS ANOS ANTES, AINDA PULSAVA EM MIM...”

SYLVIA WERNECK - Sua produção é caracterizada pela diversidade de linguagens, que vão da instalação ao vídeo, passando pela fotografia, performance e objetos. Mais recentemente, você vem se dedicando à pintura. Pode falar um pouco sobre como este percurso foi se desenvolvendo? Tendo em conta que materiais naturais sempre fizeram parte dos seus trabalhos, mas de uma maneira bastante diferente da sua pesquisa atual - havia uma abordagem

mais concentrada nas características dos materiais e as composições tinham um caráter mais clean. Enquanto sua produção anterior parecia menos “localizada”, as pinturas de natureza mais recentes se aproximam da figuração e evocam mais diretamente a flora brasileira. Há também uma ocupação maior da superfície, quase um all over. Como você enxerga essa transição?

HUGO FORTES - Embora eu tenha feito aulas de pintura e fotografia na adolescência, considero que meu trabalho artístico se iniciou principalmente no campo da instalação e da escultura. Os primeiros trabalhos significativos tinham realmente um interesse sobre o material, constituindo pequenas paisagens feitas de parafina, argila, água e vidro. Acredito que naquele momento havia um desejo de experimentar algo ainda não totalmente dominado por mim, fazendo experimentações de caráter escultórico. Ao mesmo tempo, o interesse pela água e pela transparência foi o que me guiou naquele período, e que de certa forma

continua presente em meu trabalho atual. Creio que naquele período do final dos anos 1990, sob forte influência dos chamados artistas matéricos, da *arte povera* e do minimalismo, encontrei na instalação uma possibilidade de desenvolver um trabalho autoral original, que resgatasse minhas ligações sensíveis com a água e o ambiente natural. Minha mudança para São Paulo aos 17 anos, após ter crescido em uma cidade do interior, trouxe-me um certo estranhamento com a falta de natureza e o aprisionamento da metrópole, que forneceram conteúdo poético para meus trabalhos que tratavam dos conflitos entre cultura e natureza. Muitos destes trabalhos faziam referências a lugares específicos, como o Rio Tietê em Pirapora do Bom Jesus ou o riacho que dá nome à cidade de Ribeirão Preto. Em 2004, já com diversas instalações realizadas com água, recebi uma bolsa de doutorado para viver dois anos em Berlim, desenvolvendo uma pesquisa justamente sobre isso. Esta mudança, além de me liberar para novas experimentações em um novo ambiente,

também me possibilitou mais acesso à tecnologia para edição de vídeos, que se tornaram uma parte importante de minha produção. Vários desses vídeos tinham também como tema a água e as paisagens naturais. As instalações continuavam a surgir e pouco a pouco foram também incorporando outros materiais, como a madeira e até mesmo o vídeo junto aos aquários. A partir de 2006, comecei a realizar também performances, principalmente em colaboração com Sissi Fonseca, minha companheira, que já tinha uma carreira desenvolvida neste campo. Nas performances podíamos mesclar elementos da instalação e do vídeo, em uma prática transdisciplinar. Por volta de 2012 comecei a inserir em minhas exposições também alguns desenhos que realizava e em 2017 fiz uma exposição chamada Sinapses em que dispus sobre uma mesa vários elementos do meu processo criativo de diversas épocas, misturando desenho, esculturas e partes das instalações, fotografias, documentações de performance e até mesmo textos, assumindo assim uma postura decididamente transdisciplinar.



Amazonia Insomnia. Hugo Fortes, 2018. Still de video.

Aqui, o interesse concentrava-se mais no processo do que nos resultados puramente formais e creio que esta é uma ideia que ainda me acompanha. As pinturas recentes, em que me baseio em imagens captadas em residências artísticas realizadas na Amazônia, surgiram de uma forma inesperada em meu trabalho. O recolhimento proporcionado pela pandemia me possibilitou mergulhar

no ateliê e trabalhar a experiência sensível vivida na floresta, que embora tivesse ocorrido alguns anos antes, ainda pulsava em mim. As primeiras obras realizadas sobre a Amazônia foram, na verdade, videoinstalações e trabalhos de manipulação digital de imagens; só depois surgiram as pinturas. Creio que a floresta se apresentou para mim como uma imensa instalação já

pronta, em que as sensações materiais e tridimensionais são tão intensas que ainda não fui capaz de traduzir em instalações escultóricas. Talvez por isso tenha optado até o momento por suportes mais imagéticos, como o vídeo, a fotografia e a pintura para poder me aproximar da floresta. O distanciamento trazido pela imagem permite evocar a imaginação de uma forma diversa, em uma atmosfera mais contemplativa, espiritual e de sonho, que me interessa. Mas nada impede que no futuro eu possa mesclar essas pinturas com outros trabalhos mais instalativos. Creio que a questão da diversidade de linguagens não é algo que se sucede em meu processo criativo por fases bem determinadas, mas sim de uma forma mais rizomática e simultânea. Os aspectos estéticos dos trabalhos, embora sejam importantes, não se desenvolvem necessariamente como uma “evolução de estilo”, mas são gerados primeiramente a partir de uma abordagem sensível, intuitiva, mas também conceitual do ambiente que me cerca. O mundo natural que me emociona se apresenta também de forma multissensorial e diversa, e

creio que isso se reflete em meu trabalho.

“MINHA PESQUISA QUE INICIALMENTE ERA VOLTADA TOTALMENTE PARA A ÁGUA SE AMPLIOU PARA AS RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E ANIMAIS NÃO HUMANOS, QUE SE TORNARAM O ASSUNTO DE VÁRIOS TRABALHOS MEUS A PARTIR DE 2005 E SOBRE OS QUAIS ESCREVI EM MINHA TESE DE LIVRE-DOCÊNCIA DEFENDIDA EM 2016...”

SW - *Você conta que sua atenção se voltava, desde o início, para temas ligados à natureza que o cercava, como os rios do interior de São Paulo e que, quando viveu em Berlim, sua pesquisa poética em relação à água se aprofundou. Mais recentemente, esteve na Amazônia e desenvolveu mais possibilidades criativas. Faria sentido dizer que você vem compondo um corpo de estudo sobre a natureza em um sentido abrangente, não exclusivamente nacional? No sentido em que fronteiras e nações são arbitrárias, culturas são construídas, mas a natureza segue seus ciclos (apesar de nós) alheia*

às disputas humanas?

HF - Sim, acho que você tocou numa questão importante. Realmente, após minha vivência em Berlim fui me interessando cada vez mais por culturas e naturezas diversas e tive a oportunidade de viajar para vários países, realizando exposições, participando de residências ou seminários. Ter vivido por dois anos na Alemanha aguçou minha percepção para a mudança das estações, bem diferentes das nossas, e também para as relações dos humanos com seu ambiente natural. A impressão que eu tinha era que embora na Europa todo o ambiente parecesse já colonizado, replantado e um pouco artificial, o contato com a natureza se dava de maneira mais próxima. No local onde vivi havia grandes revoadas de pássaros migratórios e também cisnes que nadavam nas águas quase congeladas do rio Spree, coisa que não se vê aqui em nosso rio Tietê, que quase nem parece mais um rio. Por outro lado, aqui havia plantas que brotavam de maneira mais selvagem rompendo o asfalto e se impondo



Chattahoochee, Hugo Fortes, 2014. Instalação com aquários, água, parafina, cerâmica, madeira e texto. Bay Gallery, Columbus State University. Foto: Hugo Fortes.



Florestas (série Mamiraúa). Hugo Fortes, 2022. Acrílico sobre tela, 120 x 80cm. Foto: Hugo Fortes

diante do caos. A expansão que se deu em meu trabalho ali atravessou fronteiras não somente de linguagem e de culturas, mas também temáticas. Minha pesquisa que inicialmente era voltada totalmente para a água se ampliou para as relações entre humanos e animais não humanos, que se tornaram o assunto de vários trabalhos meus a partir de 2005 e sobre os quais escrevi em minha tese de livre-docência defendida em 2016. Aos poucos fui compreendendo melhor os intrincamentos entre natureza e cultura em uma perspectiva internacional e transespecífica. A própria questão da artificialidade das fronteiras e das nações, como você coloca, foi abordada diretamente na instalação performática “Carta Terrestre”, que apresentei em 2007 na Venezuela e depois em nova versão em 2012 no Paço das Artes, em São Paulo. Neste trabalho, inicialmente são construídas no chão formas geométricas com terras de várias cores, como se fossem territórios divididos. Ao lado destes é colocada uma mesa com envelopes, caixas, carimbos e pastas de arquivo .

Durante a performance eu começo pegar a terra do chão e colocá-la dentro dos envelopes, pastas e caixas, como se estivesse arquivando burocraticamente este elemento natural. Com isso, as terras coloridas começam a se misturar no chão, dissolvendo as fronteiras e evidenciando a artificialidade deste ato. Enquanto realizo a ação vou lendo textos sobre territórios em diversas línguas. Estes textos têm diversas origens, podendo ser textos poéticos sobre territórios, e-mails trocados com pessoas de vários países, certidões de propriedade de terrenos, entre outros. A busca pela dissolução das fronteiras se torna clara aí, bem como a tentativa de aproximar-se do outro através do afeto, da comunicação extralinguística e da sensibilização sobre o ambiente em que vivemos. Muitas vezes me vejo como um artista viajante contemporâneo que vai coletando impressões dos locais por onde passa para ir constituindo uma poética. Tenho tido a oportunidade de realizar trabalhos que nasceram a partir de vivências entre diversos países como Alemanha,

Estados Unidos, Índia, Argentina, Inglaterra e Brasil e isso tem me feito compreender melhor a relação entre o humano e o mundo natural sob diferentes enfoques culturais e sociais. Minha alma sagitariana e meu interesse por línguas estrangeiras tem me auxiliado nisso. É sobretudo o olhar sobre o outro que me move, quer seja esse outro um ser humano de minha ou de outras culturas ou mesmo um ser não humano, animal, vegetal ou mineral. Minha busca pela natureza não é exatamente uma fuga da cultura, pois é através desta última que me sinto humano, mas é uma tentativa de me reconectar a um mundo sensível do qual todos somos parte, independentemente do local onde vivemos, da língua que falamos ou das convicções que temos.

“QUANDO FUI PARA USHUAIA, CIDADE TAMBÉM CHAMADA DE FIM DO MUNDO POR SER A CIDADE MAIS AUSTRAL DO PLANETA, PRÓXIMA DA ANTÁRTIDA, PUDE ENTRAR EM CONTATO COM A HISTÓRIA DE POVOS INDÍGENAS DA TERRA DO FOGO QUE FORAM DIZIMADOS ATRAVÉS DA COLONIZAÇÃO...”

SW - *Acredito que quanto mais conhecemos o que é diferente de nós, mais compreendemos os aspectos que compartilhamos. Não sei se você concorda, mas suspeito que sim (risos). Fomos criados dentro da oposição entre natureza e cultura - aprendemos que a cultura é o que nos diferencia de todas as outras formas de vida. Mais ainda, construímos nosso modo de vida tratando tudo o que nos cerca como “recursos”, literalmente usando e exterminando animais, vegetais e minerais para servir às nossas necessidades e desejos. Nos últimos anos, com o aumento da visibilidade das causas ambientais e indígenas (graças a muitas vozes, como as de Davi Kopenawa, Ailton Krenak, artistas como Daiara Tukano, Denilson Baniwa e o saudoso Jaider Esbell), começamos (ao menos no campo das ciências humanas) a questionar a sustentabilidade desta supremacia humana. Como você sente que estes temas afetam o seu trabalho?*

HF - Acredito que este questionamento sobre a supremacia humana possui várias facetas, que passam pela

tentativa de compreensão das especificidades e atuações de outros atores vivos que são nossos companheiros em Gaia, como animais, vegetais e fungos; abrangem as nossas relações e interferências sobre os elementos minerais e climáticos, como a incorporação dos microplásticos nas camadas geológicas nestes tempos de antropoceno, a poluição das águas e do ar e o aquecimento global; e chegam aos processos históricos e sociais de extermínio de povos originários e as heranças de dominação deixadas pela colonização. Minha aproximação destes temas se deu primeiramente pela percepção de nosso distanciamento da natureza nos ambientes urbanos, depois por trabalhos que questionavam a maneira como a racionalidade científica procurava submeter outros seres vivos a meros objetos e também através de trabalhos que buscavam se aproximar da compreensão da subjetividade animal e, apenas mais recentemente, enfocando questões ligadas à floresta e seus habitantes. No final da década de 1990, quando iniciei minha produção artística,



Pinturas feitas pelo artista após imersão de dez dias na Floresta Amazônica. Foto: divulgação.

havia ainda muito pouca discussão sobre natureza no campo da arte. Este era considerado um tema menor, pois havia um interesse maior sobre a questão do corpo, da tecnologia e outros assuntos mais formalistas do próprio fazer artístico. De início, a água era para mim apenas um material que vinha canalizado em nossas torneiras urbanas, e só depois fui ampliando minha consciência ecológica e compreendendo-a como um elemento natural.

Os trabalhos relacionados aos animais, que iniciei por volta de 2005, ainda morando na Alemanha, me abriram um grande campo de pesquisa, tanto artística como teórica. Em Berlim, tive contato com a professora e curadora alemã Jessica Ullrich, que me abriu possibilidades teóricas de pensar o animal como sujeito e não mais como objeto. Através dela, tive os primeiros contatos com textos de Jacques Derrida, Donna Haraway, John Berger, entre outros autores que contribuíram para os chamados *animal studies*, que, naquela época, ainda não estavam disponíveis em português. Minha atividade como

professor e pesquisador se fundiu à de artista e, pouco a pouco, teoria e prática foram se misturando. Este processo não ocorreu de maneira programática, na busca de ilustrar conceitos teóricos através de trabalhos artísticos; ao contrário, foi minha produção artística surgida através da intuição e do contato direto com o ambiente natural que fez me procurar autores que tratavam destas questões a partir de aportes filosóficos. Em 2009 desenvolvi um pós-doutorado na FAU-USP sob supervisão de Agnaldo Farias sobre o olhar científico sobre a natureza e este trabalho me forneceu as bases para as pesquisas que viriam depois. A partir disso, montei a disciplina *Visões da Natureza*, que ministro até hoje na pós da ECA-USP e que também me abriu a possibilidade de realização do Seminário Internacional Arte e Natureza, um evento trienal de grande porte iniciado por mim em 2011 e do qual já pudemos realizar 3 edições. Esta atividade acadêmica me fez ainda buscar outros autores como Vilém Flusser, Bruno Latour, Viveiros de Castro e, mais recentemente,

Stefano Mancuso e Ailton Krenak, que abordam as questões ambientais a partir de múltiplas perspectivas. Embora eu tenha começado a pesquisar estas questões há muito tempo, o interesse sobre estes assuntos no ambiente brasileiro tem ocorrido apenas muito recentemente. Estamos vivendo atualmente um *boom* editorial de publicações de textos sobre a chamada virada ontológica e isso tem feito as discussões neste campo aumentarem consideravelmente. No campo da curadoria, podemos citar algumas bienais dos últimos anos que têm jogado luz sobre esses temas, como a mostra Incerteza Viva, curada por Jochen Volz em 2016, e a última Bienal de São Paulo, em 2021, que ficou conhecida como a Bienal dos Indígenas.

Voltando às questões específicas de minha produção artística, embora possa ser informado sobre as discussões teóricas sobre temas ambientais, é a partir da minha experiência sensível com o ambiente que meu processo criativo se inicia. Como exemplo, posso citar o vídeo *Evoluções em 3 Lições*, realizado em

2012 a partir de viagens que fiz para a Patagônia Argentina e para a Inglaterra. Quando fui para Ushuaia, cidade também chamada de Fim do Mundo por ser a cidade mais austral do planeta, próxima da Antártida, pude entrar em contato com a história de povos indígenas da Terra do Fogo que foram dizimados através da colonização. Alguns desses indígenas foram levados pelos ingleses para aprender a cultura europeia e depois devolvidos à Terra do Fogo como tentativa de facilitar a comunicação entre colonizadores e colonizados. Entretanto, alguns deles fugiram e voltaram a viver como suas famílias indígenas originais. Darwin, que os conheceu de perto, descreve-os como selvagens, aproximando-os dos animais e procurando aplicar conceitos da evolução à espécie humana. Na mesma viagem que fiz a Ushuaia, pude também conhecer e filmar grandes bandos de lobos-marinhos, que embora um dia tenham sido comida para os indígenas, permanecem ali até hoje enquanto o aquecimento global permitir. No mesmo ano, fiz uma viagem à Inglaterra em que conheci a história de corvos que

habitam a Torre de Londres e têm suas asas cortadas para permanecerem ali, pois, segundo lendas antigas, se eles fugissem, o Reino Unido poderia ser destruído. No vídeo *Evoluções em 3 Lições*, procuro entrelaçar essas histórias conflituosas de dominação dos homens brancos sobre os indígenas e sobre os animais, não exatamente fornecendo respostas, mas buscando sensibilizar o espectador através de imagens ao mesmo tempo belas e violentas.

Mais recentemente, após minha ida à Amazônia, também realizei alguns trabalhos gráficos, pinturas e um vídeo que de certa maneira se aproximam das questões dos povos indígenas brasileiros. O vídeo *Amazonia Insomnia* apresenta imagens hipnóticas que alguns identificam como mirações xamânicas possíveis a partir da experimentação da Ayahuasca, embora eu mesmo nunca tenha experimentado esta bebida ritualística. Mas reafirmo que o trabalho é reflexo de minha experiência direta na floresta, sem uma intenção prévia de se parecer com um ritual indígena. Os outros

trabalhos gráficos e pinturas se inspiraram diretamente nas notícias das queimadas na Amazônia e no assassinato de ativistas da causa indígena.

Entretanto, acredito que há artistas indígenas que podem falar com maior propriedade de suas próprias questões e minha abordagem, embora seja empática e busque sempre compreender o outro, reconhece minhas limitações como homem branco e as implicações que isso possa trazer para meu trabalho. Talvez seja por isso que, até o momento, meu trabalho tenha se concentrado mais nas questões ligadas aos animais, vegetais e outros constituintes do ambiente do que dos próprios povos originários. Sinto a necessidade de conhecer mais os seres e o ambiente que enfoco em meu trabalho, pois só assim posso revelá-los de forma sensível em minha poética.

SYLVIA WERNECK

Crítica de arte, curadora independente, pesquisadora e professora, especializada em arte contemporânea, sobretudo da América Latina. É membro das Associações Brasileira e Internacional de Críticos de Arte (ABCA e AICA), correspondente da Revista Artnexus e colunista da Revista babEL.

